

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO E EDUCAÇÃO PROFISSIONAL
COORDENAÇÃO DE ESTUDOS E PESQUISAS INOVADORAS NA GRADUAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS

ELIZABETE APARECIDA DA SILVA MARTINS

NEGROS EM CONTOS: UM REGISTRO SOCIAL E CULTURAL NAS HISTÓRIAS DE CUTI

CURITIBA

2015

ELIZABETE APARECIDA DA SILVA MARTINS

NEGROS EM CONTOS: UM REGISTRO SOCIAL E CULTURAL NAS HISTÓRIAS DE CUTI

Trabalho apresentado como requisito parcial
à conclusão do Curso de Especialização em
Educação das Relações Étnico-Raciais –
Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros –
Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Vasconcelos
Machado.

CURITIBA

2015

RESUMO

Este trabalho propõe-se a discutir as formas de registro social e cultural em alguns contos de Cuti. Para isso, foi necessário observar um pouco do histórico de atividade teórica do autor, assim como o desenvolvimento da literatura negra ou afro-brasileira. Os conhecimentos de identidade na literatura também foram relevantes para a discussão. O trabalho foi desenvolvido com base nos aprendizados adquiridos na especialização em Educação das Relações Étnico-Raciais. Cuti foi escolhido por ser um precursor na literatura negra, referência no país. Estudiosos como Stuart Hall devem ser observados nesse ponto, pois proporcionam uma visão identitária do sujeito presente e em construção social. Em sua grande maioria, Cuti nos traz um parâmetro de comportamento negro muito forte dentro de suas histórias. São suas raízes que ajudam a transpor as ideias dessa literatura, de valores culturais, religiosos e sociais.

Palavras-chave: identidade; Cuti; literatura afro-brasileira;

1. APRESENTAÇÃO

Em muitos trabalhos sobre identidade afro-brasileira, o registro social e cultural na literatura é o que se tem de grande valia nas produções de Cuti. Luiz Silva, pseudônimo “Cuti”, nasceu em 1951 em Ourinhos (SP). Formado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP), mestre em Teoria Literária pela Universidade de Campinas (Unicamp) e doutor em Literatura Brasileira, também pela Unicamp. Entre seus trabalhos encontram-se contos, poesias, novelas, memórias e teatro.

Cuti foi um dos criadores e mantenedores da série Cadernos Negros, de 1978 a 1993, e do grupo literário Quilombhoje, de 1980 a 1994. A série de criação do autor tem como objetivo propagar a literatura negra, escondida no país.

O público leitor de Cadernos é heterogêneo, sendo constituído, majoritariamente, por pessoas da comunidade afro-brasileira, especialmente universitários, professores e profissionais liberais. Mas também há leitores comuns e intelectuais pertencentes a outros segmentos étnicos da população. Os Cadernos atendem a uma demanda por um tipo de literatura não oferecida pelo mercado editorial. O seu nome tornou-se uma marca cujo alcance vai além dos limites de distribuição e venda dos livros (in <http://www.quilombhoje.com.br/cadernosnegros/historicocadernosnegros.htm>, acesso em 20/12/2014).

Nas obras do autor, é possível perceber a preocupação em aproximar-se da realidade do negro. O comportamento presente não só delimita o público, mas a forma de observância existente nas escritas. Cuti é capaz de olhar para o externo e interno afro-brasileiro, criando representações e olhares inferentes do discurso social.

Assim, temas como identidade, tradição cultural, discriminação racial, diáspora africana, movimentos negros, desigualdades sociais, desemprego e marginalidade são abordados predominantemente - mas não exclusivamente - numa escritura em que o negro é tema e sobretudo autor. Sob muitos enfoques, ele é o padrão, o paradigma social, cultural e artístico, o um. Naturalmente, o campo semântico do “negro” sempre implica o do “branco”, isto é, o outro do negro. (OLIVEIRA, 2006, p. 12)

A literatura afro-brasileira está na tangente das leituras populares. A temática do negro, além disso, também é marcada negativamente por alguns aspectos da literatura infantil, em Monteiro Lobato, por exemplo. Também se encontra esse olhar para o negativo em Castro Alves. “Nos contos infantis afro-brasileiros, encontramos Tia Nastácia que representa a cultura, que no livro “Histórias de Tia Nastácia” de Lobato, conta-nos histórias dos negros mais velhos; ela representa um espaço inferior aos outros. No século XX, é que começa a aparecer mais personagens negros na literatura” (CUSTÓDIO, 2014, p. 2).

No geral, abordam-se na literatura negra as condições sociais às quais vivem. Entrando em consonância com seus valores culturais e religiosos. Como definição do que podemos afirmar como literatura negra ou afro-brasileira, utiliza-se os conceitos de DUARTE (2008).

Em primeiro lugar, a *temática*: “o negro é o tema principal da literatura negra”, afirma Octavio Ianni, que vê o sujeito afrodescendente não apenas no plano do indivíduo, mas como “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”. Em segundo lugar, a *autoria*. Ou seja, uma escrita proveniente de autor afro-brasileiro, e, neste caso, há que se atentar para a abertura implícita ao sentido da expressão, a fim de abarcar as individualidades muitas vezes fraturadas oriundas do processo miscigenador. Complementando esse segundo elemento, logo se impõe um terceiro, qual seja, o *ponto de vista*. Com efeito, não basta ser afrodescendente ou simplesmente utilizar-se do tema. É necessária a assunção de uma perspectiva e, mesmo, de uma visão de mundo identificada à história, à cultura, logo a toda problemática inerente à vida desse importante segmento da população. Nas palavras de Zilá Bernd, essa literatura apresenta um sujeito de enunciação que se afirma e se quer negro. Um quarto componente situa-se no âmbito da *linguagem*, fundado na constituição de uma discursividade específica, marcada pela expressão de ritmos e significados novos e, mesmo, de um vocabulário pertencente às práticas linguísticas oriundas de África e inseridas no processo transculturador em curso no Brasil. E um quinto componente aponta para a formação de um *público leitor* afrodescendente como fator de intencionalidade próprio a essa literatura e, portanto, ausente do projeto que nortearia a literatura brasileira em geral. Impõe-se destacar, todavia, que nenhum desses elementos isolados propicia o pertencimento à Literatura Afro-brasileira, mas sim a sua interação. Isoladamente, tanto o tema, como a linguagem e, mesmo, a autoria, o ponto de vista, e até o direcionamento recepcional são insuficientes. (p.12)

1.1 Aspectos de identidade

Todos os indivíduos assumem aspectos de sujeito com identidade, ao qual perpassa por outro núcleo que ele se encaixa e se vê como pertencente. SCRUTON

(1986), na obra de HALL (2006), afirma que mesmo o indivíduo se alocando em um momento particular, ele se identifica como um ser pertencente a um grupo, por seus segmentos físicos ou psicológicos. Stuart Hall complementa alegando que toda a identidade nacional é formada e transformada no interior da representação. “Nós só sabemos o que significa ser “inglês” devido ao modo como a “inglesidade” (Englishness) veio a ser representada — como um conjunto de significados — pela cultura nacional inglesa” (HALL, 2006, p. 32).

Logo, todo o aspecto representado na sociedade faz com que se adquira uma determinada identidade. Na literatura negra de Cuti, podemos encontrar essa representação em alguns de seus contos, onde esse pertencimento se vê em momentos sociais e culturais. “A vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (BERGER; LUCKMANN, 1985, p. 35). A representação para Cuti é sentida pela vivência estereotipada e estipulada pelo pertencimento ao qual ele se encontra. Suas personagens são representações sociais da realidade e são sentidas nesse propósito, que também se baseia na construção e interação do outro, criando-se, assim, um ambiente social. “A mais importante experiência dos outros ocorre na situação de estar face a face com o outro, que é o caso prototípico da interação social. Todos os demais casos derivam deste” (idem, p.47).

HALL (2006) completa utilizando o argumento de que toda e qualquer identidade está ligada, em sua criação, aos aspectos externos aos quais se relacionam e se subentendem em suas conexões. “As identidades nacionais, como vimos, representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares. Elas representam o que algumas vezes é chamado de uma forma particularista de vínculo ou pertencimento.” (p. 80).

2. LEITURA E COMENTÁRIO DOS CONTOS

Este trabalho se propõe também a analisar alguns contos de Cuti, para enxergar esse registro social e cultural afrodescendente. Os textos base foram retirados da

obra “Negros em Contos”. A escolha de cada um foi feita aleatoriamente, sem princípios norteadores.

2.1 Boneca

No conto de abertura, Cuti realiza uma representação de um cotidiano comum. Na busca por uma boneca negra, o rapaz tem vários impasses para consegui-la. O enredo se desenvolve a partir de apenas uma cena. No início, a balconista apresenta várias bonecas de cor branca, de olhos azuis. Ela, que também é branca, é surpreendida pelo pedido do cliente com uma boneca negra. O espaço dado entre os parágrafos dá-se a entender que houve uma grande pausa de pensamento, após o pedido.

Na fala do patrão – “*Procura melhor, na prateleira de baixo, lá em cima mesmo, perto da pia*” (p.12) – observamos o posicionamento social recorrente no cotidiano, onde as bonecas negras sempre estão em um lugar inferior das demais.

Após um grande tempo, o encontro do presente da filha é encontrado com louvor pela vendedora, que logo se machuca por causa da comemoração. A justificativa da demora é dada pelo patrão como falta do produto, por o representante estar exportando todo material para a África. Isso é enfrentado com um pensamento desagradável, que logo é recuperado “ironicamente” com a fala, em um bar, do clichê “loira gelada”.

De modo geral, esse conto torna relevante a discussão quanto ao que é buscado ao público infantil. Na tentativa de firmar-se em identidade negra. A discriminação pode iniciar nesse patamar, que ocorre em muitas sociedades brasileiras.

2.2 Carreto

Em busca de ajudar o irmão e a mãe, José vai para a feira, animado, logo cedo. Com a esperança de que conseguirá comprar o remédio preciso para o irmão. Desce a ladeira, com a esperança, já fazendo planos com o que conseguirá. No

entanto, sua realidade se transforma quando chega à feira e nada consegue. Os “colegas” que estão ali pelo mesmo motivo – conseguir um dinheiro – acabam atrapalhando o seu plano.

Cenas de isolamento e humilhação aparecem a partir, também, da fala de um feirante “Ô, *macaco! Fora daqui, tição apagado!*” (p. 27). Os termos estereotipados “macaco” e “tição apagado” marcam o preconceito vigente no cotidiano – não só de quem está ali, mas de toda uma sociedade.

Na sequência, os fiscais da prefeitura recolhem seu carrinho de madeira e toda a sua expectativa de conseguir o dinheiro com o trabalho. Decide roubar. Infelizmente, isso ocorre por seu trabalho – honesto e justo – ter sido tirado pelo governo. Logo, seu objetivo de comprar o remédio para o irmão tenta ser cumprido por outro meio. Sua alavanca é o irmão Gulinho, que o faz arrancar de uma senhora uma bolsa de crochê. O garoto é pego pela polícia, que o algema e o mantém como um alto criminoso. Outros termos, a partir de então, aparecem para completar o preconceito “ô, neguinho”, “É preto” e “Pelezico” (p. 29).

A mãe chega e o compara com o pai, maltratando-o e deixando-o inferior sem querer saber os reais motivos de ele estar ali, da forma como está. Chamam uma assistente social que o interroga. Mesmo com todos esses problemas, ele ainda permanece com o pensamento no objetivo dele: o irmão Gulinho.

2.3 In-Cura

Em um conto pequeno, Cuti faz uma crítica às comparações de cores e de caracteres e amor. O que se entende é que uma senhora branca escolheu um negro para casar, achando que algumas dores iriam passar na vida. Só que ela não se satisfaz e vê que as dores não passam, logo procura um branco de olhos azuis para ficar, mas piora. Ou seja, a cor não mede os problemas. Nesse caso, os problemas estavam nela. O título ironiza o fato de ela procurar uma cura para a dor dela, por meio da cor de seus companheiros.

2.4 Vida em Dívida

Este conto retrata um ambiente de perigo e mistério. Seu Manoel sente-se retraído por um garoto que ele acredita ser assaltante de sua padaria. Devido a isso, acaba encomendando a morte do garoto.

“Vais morrer, negrinho”. (p.46) Assim começa o conto. Com a promessa de morte contra o garoto. Negrinho, em seu tom pejorativo deixa Paulo Roberto assustado, que logo foge da cidade, acreditando que seria morto.

Seu Manoel fica preocupado a noite toda, pelo serviço que havia mandado realizar. Fica sem sono e ouve o barulho dos tiros que mataria Paulo. No outro dia, a vizinhança já comenta o que ocorrera: havia matado o irmão de Paulo, o mais novo. O padeiro, irritado, decide não pagar pelo que tinha solicitado, pois o mesmo não fizera o serviço corretamente: *“Diga pra ele que ele matou o moleque errado”* (p.50). O erro dele foi ameaçar colocar a polícia atrás o bandido se, por acaso, ele não devolvesse a primeira metade do pagamento.

As consequências foram a morte do padeiro. Os vizinhos insinuem que o responsável pelo ocorrido com o Manoel seria o Paulo Roberto, o que havia fugido no início da história para não ser morto. *“deve ter sido vingança do outro filho da Lucinda. Nunca mais vi o moleque!?”*

2.5 Lembrança das Lições

A memória que se refaz nesse conto aproxima muitas realidades vigentes em nossa sociedade. Não é insólito que essas coisas acontecem, principalmente em escola. As brincadeiras com a cor prejudica o desenvolvimento de muitos jovens. O início desse conto retrata um pouco disso, quando a professora utiliza os termos “negro” e “escravo”, logo os colegas de sala remetem os dois para provocar risos.

Vejamos pela frase dos colegas *“é você, macaco. Você é escravo”* (p.109). Muitas vezes isso acontece e sente-se a ausência do professor, como ocorrido nessa história. As consequências são como mostradas, onde o aluno se ausenta e

desconta a raiva provocando a própria violência. Como ocorrido no banheiro, um lugar de refúgio para ele, onde nas paredes ele desabafa.

“...ponho fogo na escola... veada filha da puta... papel de caderno debaixo da mesa dela... como a bunda de todo branquinho... acendo fósforo... quem me xingar de nequinho... são tudo veado... vou comprar um canivete... dou porrada mesmo!”

Às vezes é dessa forma que ele consegue desabafar e ficar gravado em sua memória as lembranças que tinha da escola.

2.6Incidente na Raiz

Ironicamente, Cuti faz uma crítica aos processos químicos que muitos negros e negras se submetem para se embranquecer. Na história, Jussara procura sempre manter o cabelo liso, fazendo vários processos acreditando que é branca. Também tenta modificar a cor da pele passando pó e creme. O nariz e a boca também a incomoda, de modo que tenta escondê-los não os deixando muito expostos em fotografias, por exemplo.

A consequência de tudo isso é que ela vai parar no hospital, devido a tanta química utilizada. O enfermeiro, negro, que a atendeu diz, ironicamente, “*tá melhor, nêga?*” (p.119). Isso reflete no valor que assumimos em nossa cor. Naquilo que de fato é olhado e dado como coerente. Assumir a cor é “complicado” para muitas pessoas. No entanto, isso deve ser de grande facilidade e orgulho.

2.7Dívida em Vida

Neste conto, Cuti simula um acordo entre funcionários e patrão que se encontram na Justiça do Trabalho, para as devidas contas; até o próprio nome do conto já traz uma mensagem, onde os escravos davam sua própria vida. Cuti faz uma sátira, apresentando nomes de pessoas importantes, onde até mesmo o

presidente da República se faz presente, além de outras figuras políticas, militares, empresários e eclesiásticas. Ele vai narrando a composição desse tribunal, onde a plateia também está superlotada.

O autor trata de uma forma cômica, um assunto tão forte e importante na construção da própria sociedade brasileira. Traz a figura de Dr. Zumbi, como o promotor de justiça, que abre um enorme baú antigo de onde vai retirando elementos que marcam o período de escravidão no Brasil. Dr. Zumbi nem precisa usar o recurso do microfone para falar com a plateia, pois tem elementos suficientes para que a justiça seja feita.

E assim, a cada objeto lançado, ele vai fazendo um pedido indenizatório pelos danos causados durante todo aquele período. Cuti faz menção à retomada da discussão somente um século depois, ou seja, não é importante tratar desse assunto. Esperar por um século, 100 anos de muita injustiça, com isso faz referência ao Oceano Atlântico bastante avermelhado, pois entre África e Brasil sabemos que foi o palco de destruição e morte de inúmeras pessoas negras.

Zumbi relata a chegada do povo na região, de como eram tratados e suas condições de trabalho (mínimas, por sinal). Fechando, assim, a intenção do conto, Cuti apresenta a possível dívida que o Brasil teria com os povos africanos e afrodescendentes.

REFERÊNCIAS

BERGER. P. L; LUCKMANN. T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

CUSTÓDIO. R. J. O caçador Erinlé: a marcação da realidade nos contos infantis africanos e afro-brasileiros. In: I SIMPÓSIO DE LITERATURA NEGRA IBERO-AMERICANA. 2014. Curitiba.

CUTI [Luiz Silva]. **Negros em Contos**. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1996.

DUARTE. E. A. Literatura afro-brasileira: um conceito em construção. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília. nº. 31, pp. 11-23. jan-jun de 2008.

HALL. S. **A Identidade Cultural na pós-modernidade**. 11ªed. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

OLIVEIRA. L. H. S. A Cor da Diferença: Uma Leitura dos Poemas de Cuti. In: VI SEMANA DE EVENTOS DA FACULDADE DE LETRAS DA UFMG. 2006. Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.lettras.ufmg.br/literafr/data1/autores/46/cuticritica01.pdf> Acesso em: 10/12/2014.